

DOCUMENTAÇÃO

www.aese.pt

A dupla hélice da sociedade

A perda do sentido religioso em países de antiga tradição cristã costuma ser apresentada como um processo intelectual no qual a vida familiar tem pouco a dizer. Pelo contrário, Mary Eberstadt, no seu livro traduzido para castelhano, “Cómo el mundo occidental perdió realmente a Dios” (Rialp, Madrid, 2014, 304 págs., sendo o original, “How the West really lost God: A new theory of secularization”, Templeton Press, West Conshohocken, 2013), mantém que a mudança familiar e a mudança religiosa andam de mãos dadas. Tendo há pouco a Igreja católica efetuado um Sínodo de Bispos sobre a família, a visão da autora norte-americana oferece-nos análises instrutivas.

Eberstadt, investigadora do Ethics and Public Policy Center em Washington, é tida nos EUA como uma das analistas culturais mais sugestivas do momento. Elogiada por intelectuais como George Weigel, Mary Ann Glendon ou Francis Fukuyama, procura compreender fenómenos da sociedade contemporânea a partir de perspetivas inovadoras.

O seu livro “The Loser Letters” mostra os efeitos não desejados do “novo ateísmo” nas raparigas que adotaram um estilo de vida libertário e secularizado. Na mesma linha, “Adam and Eve after the Pill” explica a sorte diferente que aconteceu a homens e mulheres depois da revolução sexual.

Agora, Eberstadt interroga-se sobre quais os motivos porque o Ocidente se afasta das suas raízes cristãs. Muitas são as respostas que foram dadas a esta pergunta. Umas insistem no racionalismo e no Iluminismo; outras, na Revolução Industrial; outras, no consumismo... Para Eberstadt, todas estas teorias avançam com explicações valiosas sobre um fenómeno complexo. Mas o *puzzle* continuará incompleto enquanto não se prestar atenção à família.

Um processo em duplo sentido

É verdade que, ao estudar a secularização, alguns sociólogos abordaram a dinâmica entre família e religião. Mas entenderam-na como um processo de via única. Assim,

limitaram-se a constatar que o declínio familiar (menos bebés, mais divórcios, mais uniões de facto, mais nascimentos fora do casamento...) é consequência do declínio religioso. Mas o contrário também é verdade: o enfraquecimento da família numa sociedade contribui para o declínio da experiência religiosa.

Eberstadt explica-o, servindo-se da estrutura do ADN: “A religião e a família são a dupla hélice da sociedade: uma depende da vitalidade da outra para se reproduzir”. Trata-se, pois, de um processo em duplo sentido: tal como o fator religioso proporciona um ambiente que transforma os valores de uma família, o fator familiar atua como uma força poderosa sobre o estado das crenças e da prática religiosa de uma sociedade.

Isto é o que, na opinião de Eberstadt, as teorias sobre a secularização passam por alto. Nelas, o protagonismo é dado ao indivíduo isolado. Um belo dia, este senta-se a cismar como “O pensador” de Rodin e conclui que Deus não existe. A este indivíduo independente vão-se juntando outros que chegaram à mesma conclusão.

Esta forma de entender a secularização, desligada da vida quotidiana, não tem em conta a dimensão social da fé. As pessoas – diz Eberstadt – “aprendem a religião do mesmo modo que aprendem um idioma: através de uma comunidade que é a família”, e põem-na em prática através dos vínculos que mantêm com marido, mulher, filhos, tios, avós...

Mais família, mais religião

Eberstadt identifica certos elementos da vida familiar que favorecem o interesse pelo sagrado. Depois de analisar o Inquérito Mundial de Valores, chega à conclusão de que “há algo na vida familiar – de facto há muitas coisas – que leva as pessoas à igreja: o desejo de introduzir os filhos numa comunidade moral; o nascimento de um filho, experimentado pelos pais como um acontecimento sagrado; o facto de o cristianismo abraçar o tipo de sacrifício que é necessário para construir uma família”.

A família também ajuda a compreender melhor a religião – sobretudo o cristianismo, rico em imagens familiares –, assim como determinadas exigências éticas vinculadas a uma

verdade que transcende as pessoas. Por isso, diz Eberstadt, quando muita gente vive em aberta contradição com a mensagem moral cristã, o secularismo acaba por adotar a forma de hostilidade à religião. E, por isso, também “muitas famílias deixam de ser a correia de transmissão da fé”.

É o que, na sua opinião, ocorreu nos países escandinavos, onde o declínio familiar é simultaneamente um efeito e uma causa que acelerou o declínio religioso. A Noruega, a Suécia e a Dinamarca – países onde só uma minoria frequenta os serviços religiosos – foram os pioneiros no fenómeno da união de facto e dos filhos nascidos fora do casamento.

O futuro da secularização

A dinâmica da dupla hélice leva Eberstadt a imaginar dois cenários possíveis para o futuro da religião no Ocidente: um pessimista e outro otimista. O primeiro limita-se a constatar que se continuar a fragilidade da família, irá crescer o abandono da prática religiosa. O segundo é mais complexo, pois introduz um novo elemento na equação: o Estado Providência. A sua hipótese é que a atual crise económica e demográfica do Ocidente pode ter o efeito inesperado de reavivar a estima pela família (e, portanto, pela religião) como a alternativa mais viável ao Estado Providência.

Para explicar como o Estado Providência sempre competiu com a família, Eberstadt recorda o personagem fictício chamado Júlia, que foi criado em 2012 pela campanha de Obama para mostrar a eficácia das suas políticas sociais em todas as faixas etárias. No mundo de Júlia, o Estado toma conta de tudo aquilo que antes era assumido pelas famílias: os cuidados com os bebés, a educação, a orientação sobre a vida afetiva e sexual, os cuidados com os idosos...

A relação entre família e Estado Providência também é um processo em duplo sentido. À medida que as famílias têm mais problemas, o Estado aparece para se converter em seu substituto. E assim, “a mudança familiar é o motor que alimentou o estatismo. E este alimentou por seu turno a mudança familiar”. Mas o que aconteceria se o moderno Estado Providência acabasse por ser inviável do ponto de vista económico e demográfico?

Eberstadt conclui, apresentando um conjunto de estatísticas que mostram as vantagens sociais da estabilidade familiar. Além disso, recorda que as famílias estáveis poupam dinheiro ao Estado: primeiro, porque reduzem a necessidade de subsídios e políticas assistenciais, dado que os lares monoparentais costumam ser mais afetados pela pobreza; e segundo, porque funcionam como uma rede de segurança para os seus membros, o que, por sua vez, eleva as probabilidades de que estes contribuam para o progresso social.

J. M.

O suicídio religioso assistido

Num dos capítulos do livro referido no artigo anterior, “How the West really lost God: A new theory of secularization”, Mary Eberstadt explica que o declínio das Igrejas protestantes mais antigas da Europa e dos Estados Unidos está ligado às mudanças doutrinárias que fizeram em matéria de anticonceção, divórcio, aborto e homossexualidade. O que, por seu turno, contribuiu para o enfraquecimento da família no Ocidente. Seleccionamos alguns parágrafos.

(...) Estes esforços reformistas contribuíram pouco a pouco para um desenlace inesperado: enfraqueceram em sentido literal e figurado a família natural, o cimento sobre o qual se baseavam essas mesmas Igrejas. Nos seus esforços para atrair as pessoas que desejavam um relaxamento da doutrina cristã, as Igrejas foram-se esquecendo de proteger as suas bases: as famílias sãs cujos membros se deviam reproduzir, no sentido literal e no figurado de transmitir a religião. Vemos aqui de novo o efeito potente da dupla hélice de família e fé.

(...) Desde o início, o Cristianismo teve associado um código moral, um código sexual, estrito comparativamente a outras religiões (...) A surpresa histórica, pois, não é tanto que os reformistas se esforçassem por torná-lo mais suportável, mas mais que o código tenha permanecido intacto no centro da Cristandade durante tanto tempo: mais ou menos até à Reforma. Foi nessa altura que os eclesiásticos começaram a desfazer o tapete da moralidade sexual: ao longo de vários séculos, muito antes da revolução sexual, e utilizando nomeadamente o fio do divórcio.

Diz Roderick Phillips em “Untying the knot: A short history of divorce”: “(...) Os reformistas, dirigidos por Lutero e Calvino, não só rejeitam a doutrina católica da indissolubilidade do casamento, como quase todos os aspetos da doutrina sobre o matrimónio”.

(...) Nos EUA, segundo Phillips, as Igrejas anglicanas começaram rapidamente a relaxar as restrições mais estritas, pelo que divorciar-se era mais ou menos fácil consoante onde a pessoa vivia. Entretanto, embora os anglicanos fossem mais atrasados do que os episcopalianos, em meados do século XVIII, o Parlamento inglês legalizou o divórcio na teoria e na prática; não se fazia um uso geral dele, mas demonstrava-se assim que a indissolubilidade tinha as suas exceções. Pouco a pouco subiu o número de pessoas que deixavam para trás o seu casamento, e atenuou-se o estigma social e religioso associado ao divórcio. A partir do Sínodo Geral de 2002, os anglicanos divorciados podem voltar a casar-se pela Igreja, apagando-se assim qualquer mancha que pudesse restar.

A exceção converte-se em norma

(...) A tentativa anglicana de aligeirar o código moral cristão no tocante especificamente ao divórcio, mostra um padrão que aparece com clareza em vezes sucessivas na história da experiência que batizou como *Cristianismo light*: primeiro, fazem-se exceções limitadas à regra; a seguir, essas exceções já deixam de ser limitadas e convertem-se na norma; por último, essa nova norma é consagrada como algo teologicamente aceitável.

Esse é exatamente o padrão que emerge noutro exemplo do esforço para desfazer um fio do ensinamento moral e removê-lo do conjunto: o desacordo quanto aos anticoncepcionais. (...) Exatamente como tinha acontecido no tema do divórcio, a aprovação anglicana da anticoncepção nasceu da benevolência pela fragilidade humana, juntamente com a preocupação para estar atualizada; e com o convencimento de que se aplicaria em casos excepcionais. (...). Muito rapidamente, os anticoncepcionais não só se aprovaram teologicamente sob certas circunstâncias difíceis, como passaram a ser a norma. (...).

Consideremos agora um terceiro exemplo do mesmo padrão histórico que se cumpriu noutro tema: o desacordo quanto aos ensinamentos cristãos tradicionais contra a homossexualidade. (...)

Qual é o motivo desta extraordinária transformação? Em parte, outra coisa que os reformistas de Lambeth não previram, e que retrospectivamente era evidente: a força da cadeia lógica que conduz desde a aceitação ocasional da anticoncepção, até à celebração da homossexualidade. (...) Robert Runcie, antigo arcebispo de Cantuária, explicou sobre esta base a sua decisão pessoal de ordenar homens homossexualmente ativos. Numa entrevista radiofónica na BBC, em 1996, citou a Conferência de Lambeth de 1930, salientando que “uma vez que a Igreja admitiu... que a atividade sexual era para o prazer humano, uma bênção inclusivamente à margem da ideia da procriação (...) então, o que se passa com as pessoas entregues à expressão homossexual, incapazes de se expressar heterossexualmente?”. (...).

Por outras palavras, a recusa de proibir a anticoncepção, foi precisamente a origem da mudança diametral dos anglicanos quanto à homossexualidade. (...).

Também como os anglicanos, a Igreja Luterana Evangélica da América (ELCA) demonstrou que é impossível retirar um fio do tecido moral, sem retirar também os restantes. Em 1991, uma Declaração Social afirmava que o aborto, considerado quase universalmente como um grave pecado ao longo da história cristã, podia ser uma opção moralmente responsável em certas circunstâncias. (...)

O declínio das Igrejas liberais

A ELCA, a maior e mais liberal entidade luterana dos Estados Unidos, enfrenta hoje o mesmo que a comunidade anglicana: ameaças de cisma, paróquias dissidentes, fundos que diminuem, e restantes problemas institucionais que acompanharam o abandono do dogma.

As outras Igrejas protestantes maioritárias estão ameaçadas pela mesma sorte: além da Igreja episcopaliana e da Igreja luterana evangélica, a Igreja presbiteriana dos EUA, a Igreja unida de Cristo, a Igreja metodista unida e a Igreja batista americana. Em dezembro de 2009, o Grupo Barna observou, segundo os últimos números, que todas as Igrejas maioritárias parecem estar “à beira de um declínio”. Em geral, baixa o financiamento, baixam os números, baixa especialmente o número de jovens, e baixa rapidamente o número de missionários (uma excelente medida da vitalidade da fé). Mesmo os trabalhos sociais pelos quais têm sido conhecidas as Igrejas cristãs também diminuem: o voluntariado, segundo os números do Grupo Barna, baixou uns chocantes vinte e um por cento desde 1998.

(...) Poderia rapidamente dizer-se o mesmo de muitas outras Igrejas, incluindo as maioritárias do protestantismo. O mesmo não se pode dizer de outras, que não recusaram o código moral tradicional, mas que se aferraram a ele: os mórmons, as Igrejas evangélicas de cariz tradicional, os pentecostais, ou as Igrejas anglicanas do que agora se chama o Sul global, que defendem tenazmente os ensinamentos morais do Cristianismo contra o paganismo das suas próprias sociedades e também contra os cristãos reformistas secularizados do Ocidente.

E quanto à Igreja católica? Apesar da sua defesa teológica da família, também conheceu uma significativa diminuição da prática religiosa, sobretudo na Europa (...). Mas é verdade que as zonas mais vibrantes do Catolicismo são também as mais ortodoxas. (...).

Tudo para referir que essa mania de retocar a doutrina, iniciada com a Reforma, teve pelo menos um claro efeito colateral: enfraqueceu as próprias Igrejas (...).

Alguns defendem estas consequências em nome da libertação, e outros lamentam o mundo perdido que representam. Mas não há dúvida de que as mudanças doutrinárias contribuíram para esvaziar as igrejas. Como confirmação do efeito do fator família, esse processo constitui uma parte importante, e paradoxal, da história de como foi que o Cristianismo se evaporou de muitas mentes e de muitos lares ocidentais.